

# UMA BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA NO BRASIL REPUBLICANO DE FINS DO IMPÉRIO AO TENENTISMO

Esley Rodrigues de Jesus Teixeira \*



A riqueza literária do Brasil permaneceu por muitos anos escondida, devido, sobretudo, à falta de vias de comunicação entre os diversos centros urbanos. Apesar dos representantes que houve desde a colônia, poucos foram os que tiveram a notoriedade necessária. Isso passa a mudar com a maior integração territorial do Brasil e a maior industrialização das cidades e grandes centros urbanos.

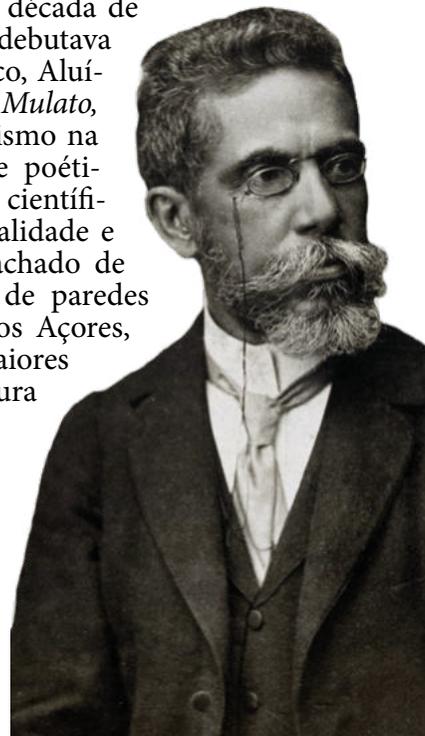
As obras escritas foram ligadas aos acontecimentos políticos internos e externos ao Brasil, havendo crescente engajamento artístico no plano social a partir do fim da 1ª Guerra Mundial e a expansão de reflexos dos acontecimentos na Europa para todo o mundo. Sem dúvida, a Semana de 1922 foi de grande importância na mudança do realismo do Império para o modernismo que reinaria durante boa parte do século 20.

O presente artigo tem por objetivo apresentar a evolução histórica da literatura brasileira no período republicano. Foi utilizado como metodologia a revisão bibliográfica. Tem-se por resultado um bom panorama dos principais autores e acontecimentos que fizeram a literatura nacional adotar posturas e formatações ao longo dos séculos.

## PRELÚDIO

O início de nosso período republicano seria bastante influenciado pelo realismo e naturalismo de fins do Império. A publicação de *Memória Póstumas de Brás Cubas* (1881) de Machado de Assis seria o marco inicial do realismo, que já despontava nas poesias de Fagundes Varela e Castro Alves, ainda na década de 1860. No mesmo ano que debutava Assis com seu romance épico, Aluísio de Azevedo lançava *O Mulato*, marco do início do naturalismo na literatura nacional, vertente poética que visa utilizar teorias científicas na descrição da personalidade e ações dos personagens. Machado de Assis, filho de um pintor de paredes mulato e uma imigrante dos Açores, foi (e ainda é) um dos maiores representantes da literatura

**Machado de Assis, um dos maiores representantes da literatura brasileira**



brasileira, cujas obras principais, além de *Memórias Póstumas*, são *Quincas Borba* (1881) e *Dom Casmurro* (1899). O naturalismo de Aluísio de Azevedo também é um marco da literatura brasileira da época, com descrições pormenorizadas dos ambientes e paisagens em *Casa de Pensão* (1894) e *O Cortiço* (1890).

Na mesma época, Olavo Bilac construiria templos ao classicismo e masmorras aos excessos emotivos do real-naturalismo através de suas poesias parnasianas. Sua obra *Poesias* (1888), apesar de conter fortes apelos ao realismo, segue os contornos clássicos da poesia antiga que passou a dar forte impulso à produção literária brasileira. Com Bilac, Raimundo Correa e Alberto de Oliveira formariam a "Tríade Parnasiana". Apesar da riqueza dos detalhes e da profundidade na descrição dos sentimentos, a crítica lhes impunha certa aridez: diziam ser os parnasianos apenas "copiadores" de conteúdos clássicos para chamar atenção à classe letrada e erudita da época. Estas críticas também advinham de poetas que, opostos ao naturalismo e ao materialismo cientificista do fim do século 19, passaram a utilizar-se dos símbolos para exprimir-se.

O simbolismo nasceria na França, como uma ideia de valer-se da expressão indireta, vaga e misteriosa. Já após a Proclamação da República, são publicados no Brasil dois livros de Cruz e Souza (*Missal e Broquéis*, 1893). A Academia Brasileira de Letras seria fundada quatro anos mais tarde, em 1897. Além de Cruz e Souza, marcou o simbolismo o poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens, que focou sua escrita no místico, religioso, na inexistência e na morte.

O início da República testemunha uma nova leva de escritores brasileiros, mais interessados em descrever o homem brasileiro e seu dia a dia que a problemática existencial e filosófica que aturdiu o homem universal. Passaram a constar na escrita brasileira o cotidiano, com descrições fidedig-



**Aluísio de Azevedo, um dos principais autores do naturalismo no Brasil**

nas de paisagens, personagens e dificuldades que se apresentavam na rotina. Destacam-se Euclides da Cunha com sua abordagem da Guerra dos Canudos e do sentimento messiânico do povo nordestino aliado às dificuldades da seca e da fome; Monteiro Lobato em suas histórias descritivas da miséria do interiorano paulista e fluminense do Vale do Paraíba; Graça Aranha com sua temática sobre a imigração italiana; e Lima Barreto em suas análises da população periférica da capital do Brasil.

Assumem as obras, desta forma, um largo caráter social, mas ainda não possuem críticas ao governo ou políticos. Por procurar descrever o brasileiro em seu estado natural, a linguagem utilizada pelos pré-modernistas é muito mais coloquial e simples que aquela utilizada pelos simbolistas, parnasianos ou naturalistas. Escrevia-se, portanto, o brasileiro, e não o português.

A nova abordagem literária nacional era um reflexo da realidade por que passava a sociedade de então. Euclides da Cunha descreveria os reflexos da grande seca que afligira o Nordeste no fim do século 19, vitimando, apenas no Ceará, um estado em que a média de vida era 27

**Alberto de Oliveira, Raimundo Correa e Olavo Bilac, a "Tríade Parnasiana"**



anos, 64 mil brasileiros em três anos.

Lima Barreto escreveria sobre o preconceito racial, dando a suas obras tons do tratamento que sofrera enquanto se tratava no manicômio por causa de seu alcoolismo. Também estaria presente em suas obras críticas aos movimentos que culminaram na Revolta da Vacina, as políticas públicas de valorização do café, sobretudo a compra de café por parte do governo federal para controlar os preços no mercado internacional e os lucros dos grandes cafeicultores (Convênio de Taubaté) e os políticos que, segundo ele, eram sem substância, gananciosos e desprovidos de capacidade intelectual. Marco de sua obra, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* retrata muito bem as frustrações por que passa um servidor público nacionalista: entre tentativas e erros, mudar a língua oficial para o Tupi; provar, sem sucesso, que “nessa terra se plantando tudo dá”; e servir a Floriano contra a Revolta da Armada, sendo depois fuzilado a mando de seu ídolo.

Também desenha os subúrbios do Rio de Janeiro com bastante aderência à realidade. A esses juntar-se-ia Augusto dos Anjos, com sua obra de linguagem coloquial e “baixa” para os padrões da época (escarro, prostituta, cadáveres, vermes...), introduziu na cultura brasileira



Folha de rosto da primeira edição de *Os Sertões*, publicada em 1902

**No período republicano as obras assumem um caráter mais voltado ao social. Um dos autores que utilizaram essa nova abordagem foi Euclides da Cunha, cujo tema de seu mais famoso livro (*Os Sertões*) é a Guerra de Canudos**

forte influência de Arthur Schopenhauer: a morte, a desesperança, as angústias existenciais.

Talvez o maior legado deixado à posteridade seja Monteiro Lobato, cuja veia crítica permitiu por em claro o Brasil agrário e atrasado que se desenhava fora dos grandes centros urbanos. Seu personagem Jeca Tatu era a caricatura do brasileiro médio, sempre fora dos holofotes da

capital e de São Paulo. Por meio dele também criticou a falta de capilaridade das políticas de educação e desenvolvimento que Vargas vendia na retórica, chegando a ser preso em 1936, o que causou profunda comoção nacional. Também foi o primeiro escritor que dedicou vasta produção literária aos contos infantis. Sua obra prima, *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, ainda hoje faz sucesso nas escolas, nas casas e na TV. Foi através dela que Lobato conseguiu passar a diversas gerações nossos costumes, cultura, lendas, língua e valores morais.

Uma das críticas de Monteiro Lobato residia na fantástica capacidade que possuíam os brasileiros de então em copiar estrangeirismos através de hábitos e neologismos, a subordinação aos modelos governamentais e administrativos impostos pelo sistema capitalista internacional e que não atingiam aderência à cultura e sociedade brasileiras (tampouco ao clima), e a cegueira do público em geral com relação à vida política do Brasil.

Nascido de um período conturbado da vida nacional, o mundo literário republicano seria uma continuação dos estilos desenvolvidos no Império, inserindo aos poucos os estrangeirismos bem presentes na literatura futura do período. Fica clara já a atuação dos escritores nas críticas sociais e nas descrições bastante fiéis do cotidiano brasileiro. ■



**Monteiro Lobato dedicou muitas de suas obras ao público infantil**

\* Capitão de Corveta (FN)